

Povos Indígenas no Brasil

Fonte CORREIO BRAZILIENSE Class.: 832

Data 31/03/85 Pg.: _____

4468 Candidato à Funai já apresenta até plano de trabalho

Embora os anunciados candidatos ao cargo de presidente da Fundação Nacional do Índio estejam, nas últimas semanas, fazendo uma campanha retraída e tímida, isto não tem impossibilitado o surgimento de novos postulantes. O mais recente, segundo informações, é um funcionário da Sudeco, Walter Neves Coutinho, cuja indicação contaria com o apoio do senador Humberto Lucena (PMDB-PB).

O concorrente já apresentou inclusive um projeto sob o rótulo de "Novos Rumos para a Funai", com a pretensão de ser uma inovadora proposta de trabalho, ou melhor — como diz o autor — "um plano de intenções de quem vê a questão indígena como ela se apresenta atualmente através dos meios de comunicação".

PLAGIO

Comparando o trabalho, de 27 páginas, ele se revela cópia autêntica de um feito pelo ex-presidente do órgão, coronel Paulo Moreira Leal, intitulado "Índio — Matriz Cultural — Meta-Homem — Síntese de uma Política", elaborado em junho de 1982, em co-autoria com o coronel Ivan Zanoni Hausen, que na época lançou os critérios sangüíneos de indianidade. O programa de autoria do coronel Leal, levado ao ex-ministro do Interior, Mário Andreazza, justificava um pedido de liberação do Decreto 86.795, de dezembro de 1981, que restringia a possibilidade de novas admissões nos órgãos públicos, para que a Funai pudesse contratar 3.911 novos servidores, ao custo total de mais de Cr\$ 6 bilhões. Este programa não foi aprovado.

Para os observadores da execução da política indigenista nos últimos anos, entretanto, o "plano de intenções" de Walter Coutinho, na condição de plágio do programa do coronel Leal, se caracteriza como uma proposta subliminar de reimplantar no órgão tutelar o militarismo. Mais do que uma afronta e desrespeito às conquistas obtidas por índios e indigenistas no final do Governo passado, seria incompatibilizar a Funai com a proposta de democratização da Nova República.

DESENVOLVIMENTISTA

A par destas considerações, o "novo modelo para a Funai" de Walter Coutinho, é essencialmente desenvolvimentista, onde o órgão tutelar seria obrigado apenas a responder, "em primeiro nível às ações do Ministério do Interior, em segundo nível ao esforço do Governo e, finalmente, em terceiro nível, procurando compatibilizar os interesses da iniciativa empresarial com a política indigenista". Daí, surge a questão: e os interesses das nações indígenas, em que nível estaria?

Mais adiante o candidato reforça a tese desenvolvimentista, salientando que a gestão da Funai deveria assentar-se em três ações: exploração do patrimônio indígena; ações-respostas a programas e projetos governamentais; e função assistencial.

EMPRESA

Ao lado desta tese, o postulante faz emergir uma visão empresarial, na qual a Funai deixa de ser um órgão de assistência e transforma-se numa empresa, com capacidade de gerar recursos. A sua administração ficaria a cargo de um conselho composto de representantes das comunidades indígenas, Ministério Extraordinário para Assuntos Fundários, Interior, Agricultura, e Minas e Energia, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal, e Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Conselho Indigenista Missionário e outras entidades. A maioria destes órgãos muitas vezes se integra na execução de projetos governamentais que quase sempre são conflitantes com os interesses indígenas. Neste sentido, basta lembrar o assentamento de posseiros na área dos índios Gavião e Arara, em Rondônia, a indefinição quanto ao reassentamento de colonos que ocupavam o território Apinajé, em Goiás, que resultou num conflito no início deste ano.

Ao elaborar (?) o seu plano de intenções, com data de março deste ano, Walter Coutinho esqueceu de atualizar alguns dados, como os populacionais. Assim ele reduziu a população Yanomani de mais de 9 mil índios para apenas 2.817 indivíduos. Igualmente diminuir o número de índios que vivem na área de fronteira no Amazonas para 20.571. Só os Tikuna que ali têm território imemorial somam 18 mil índios. Em contrapartida, colocou índios do Médio Amazonas, onde segundo os antropólogos, não existem grupos tribais. Apesar de se dizer fascinado pela questão indígena desde o período de 1963 a 1982, quando participou do projeto assistencial do Consórcio de Municípios do Médio Araguaia, Walter Coutinho em todo o seu "plano de intenções" não enfatizou qualquer intenção em resolver o problema crucial que atinge a maioria dos povos indígenas brasileiros: definição e demarcação dos territórios tribais.